

Relacionamentos amorosos na contemporaneidade: um estudo exploratório sobre expectativas e experiências das mulheres

*Loving relationships: an exploratory research
on the expectations and life experiences of women*

*Relaciones amorosas contemporáneas:
un estudio exploratorio sobre las expectativas
y experiencias de las mujeres*

*Marília Pereira Bueno Millan**

*Reginandréa Gomes Vicente***

*Julia Kubo Saito****

*Raymundo Soares de Azevedo Neto*****

*Monique Fernandes Silva Santos******

*Fernanda Falótico Tabora******

*Barbara da Silva Queiroz******

*Gleyce Kelly Teodoro Ronque******

*Angela Maciel Guerreiro******

* Grupo de Pesquisa CNPq “Relacionamentos Interpessoais e Familiares na Contemporaneidade”.

E-mail: mariliamillan@uol.com.br

** Universidade Paulista, SP, Brasil. <http://orcid.org/0000-0001-5739-3763>. E-mail: reginao412@gmail.com

*** Universidade Paulista, SP, Brasil. E-mail: jkubosaito@gmail.com

**** Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, SP, Brasil. E-mail: razevedo@usp.br

***** Universidade Paulista, SP, Brasil. <http://orcid.org/0000-0002-2862-8567>. E-mail: mfefflor@gmail.com

***** Grupo de Pesquisa CNPq “Relacionamentos Interpessoais e Familiares na Contemporaneidade”. E-mail: fetabora@yahoo.com.br

***** Grupo de Pesquisa CNPq “Relacionamentos Interpessoais e Familiares na Contemporaneidade”. E-mail: barbara.queiroz894@gmail.com

***** Grupo de Pesquisa CNPq “Relacionamentos Interpessoais e Familiares na Contemporaneidade”. E-mail: gleycepsicologia16@gmail.com

***** Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, SP, Brasil. E-mail: angellaguerreiro@hotmail.com

Resumo

O presente artigo apresenta os resultados parciais de pesquisa realizada com 2778 mulheres, intitulada “Relacionamentos amorosos na contemporaneidade: quais as expectativas das mulheres?” (Millan et al., 2019), que visou à compreensão das relações afetivo-sexuais na contemporaneidade a partir da visão das mulheres e o conhecimento da dinâmica das relações com seus pares, com vistas ao manejo de conflitos nos relacionamentos afetivos e familiares, em intervenções clínicas e sociais. Teve-se como objetivo destacar aspectos relativos às diferenças entre expectativas e experiências vividas nos relacionamentos, no que diz respeito aos papéis de gênero (desempenho das tarefas domésticas e cuidados com filhos), à vida profissional, à independência financeira, aos sonhos e projetos de vida. A metodologia utilizada foi de característica quantitativa e qualitativa, com as respostas ao questionário tratadas como variáveis qualitativas ordinais e analisadas pelos testes estatísticos não paramétricos de Kruskal-Wallis ou de Mann-Whitney (1952), de acordo com o agrupamento das participantes, quanto à faixa etária, escolaridade e estado civil. As variáveis categóricas foram analisadas pelo Teste de Qui-quadrado ou pelo Teste Exato de Fisher, conforme a indicação. Na análise qualitativa, adotaram-se os referenciais psicanalítico e sistêmico. Os resultados obtidos mostram que as expectativas das mulheres nos relacionamentos amorosos são moduladas pela experiência vivida e passíveis de ajustes e reajustes durante o ciclo vital pessoal e familiar. As variáveis independentes (escolaridade, estado civil, faixa etária) influenciaram significativamente e de maneiras distintas as respostas analisadas neste artigo. Conclui-se que os relacionamentos amorosos expressam elementos próprios da contemporaneidade, na qual convivem tendências variadas de valores, condutas e pontos de vista dissonantes, em constante transformação.

Palavras-chave: expectativa; mulheres; relacionamentos amorosos; contemporaneidade; gênero.

Abstract

This article reports partial results of the research “Loving relationships in contemporary times: what are women’s expectations?” (Millan et al., 2019) carried out with 2,778 women, that aimed to comprehend affective-sexual relationships in the contemporary era, from women’s point of view and knowledge of the dynamics in their relationships with their peers, in order to develop clinical tools to manage conflicts in affective and familiar relationships, via clinical and social interventions. Its objective is to highlight aspects concerning differences between expectations and experiences in relationships, regarding gender roles (in the performance of household tasks and childcare), professional life, financial independence, life dreams and projects. Quantitative and qualitative data were obtained, while answers to the questionnaire were labeled as qualitative ordinal variables and analyzed through Kruskal-Wallis

or Mann-Whitney (1952) nonparametric statistical tests, according to the grouping of participants, by age, education and marital status. Categorical variables were analyzed through a Chi-squared Test or Fisher's exact test, as appropriate. In the qualitative analysis, psychoanalytic and systemic references were adopted. The obtained results show that women's expectations towards loving relationships are influenced by life experiences and prone to change throughout personal and familiar life cycles. The independent variables (education, age, marital status) have significantly influenced the results in different ways. It is concluded that loving relationships express elements characteristic of contemporaneity, which presents several tendencies, diverse in values, conducts and dissonant points of view, in constant transformation.

Keywords: Expectation; women; loving relationships; contemporaneity; gender.

Resumen

Este artículo presenta los resultados parciales de una investigación realizada con una muestra de 2.778 mujeres, denominada "Relaciones amorosas en la actualidad: ¿cuáles son las expectativas de las mujeres?" (Millan et al., 2019), que tuvo como objetivo comprender las relaciones afectivo-sexuales en la contemporaneidad desde la perspectiva de las mujeres y el conocimiento de la dinámica de las relaciones con sus pares, con miras a gestionar los conflictos en las relaciones afectivas y familiares en intervenciones clínicas y sociales. El objetivo fue resaltar aspectos relacionados con las diferencias entre expectativas y experiencias vividas en las relaciones, en cuanto a roles de género (desempeño de las tareas del hogar y cuidado de los niños), vida profesional, independencia económica, sueños y proyectos de vida. La metodología utilizada fue cuantitativa y cualitativa, con las respuestas a las entrevistas tratadas como variables cualitativas ordinales y analizadas mediante las pruebas estadísticas no paramétricas de Kruskal-Wallis o Mann-Whitney (1952), agrupando las participantes en función del grupo etario, nivel de educación y estado civil. Las variables categóricas se analizaron mediante la prueba de Chi-cuadrado o la prueba exacta de Fisher, según se indica en cada caso. En el análisis cualitativo se adoptaron referencias psicoanalíticas y sistémicas. Los resultados obtenidos muestran que las expectativas de las mujeres en las relaciones amorosas están moduladas por la experiencia vivida y están sujetas a ajustes y reajustes durante el ciclo de vida personal y familiar. Las variables independientes (nivel de educación, estado civil, grupo etario) influyeron significativamente de diferentes formas en las respuestas analizadas en este artículo. Se concluye que las relaciones amorosas expresan elementos de contemporaneidad en los que conviven diferentes tendencias de valores, comportamientos y puntos de vista disonantes en constante transformación.

Palabras clave: expectativa; mujeres; relaciones amorosas; contemporaneidad; género.

O século XXI traz em seu bojo a oportunidade de avaliar a envergadura das transformações nas relações de gênero nos âmbitos afetivo-sexuais, familiares, educacionais, profissionais e sociais.

Estudos que adotam a categoria de gênero como análise (Scott, 1995; Bourdieu, 2002) a descrevem como um conjunto de representações que estruturam a percepção e a organização concreta e simbólica da vida social, estabelecendo distribuições de poder. Saffioti (2004), sob influência do marxismo e feminismo, entende que as relações de gênero são balizadas pela estrutura patriarcal na qual a distribuição de poder assimétrica entre homens e mulheres favorece que a mulher, apesar de autônoma, seja vitimada pelo controle social masculino que detém o poder político, ideológico e econômico.

A partir do final da década de 1960 e início da década de 1970, houve uma grande transformação nos papéis de gênero tradicionalmente estabelecidos, que determinavam os homens como provedores financeiros da família e as mulheres como responsáveis pelo cuidado dos filhos e das tarefas domésticas. As mulheres, no Brasil, influenciadas pelo movimento feminista dos EUA e da Europa, passaram a questionar esse modelo tradicional de casamento, a reivindicar espaço no mercado de trabalho e o direito de escolher como se relacionar com o próprio corpo. Tal transformação influenciou fortemente as relações amorosas entre homens e mulheres.

O presente artigo pretende apresentar os resultados parciais de pesquisa realizada com 2778 mulheres, intitulada “Relacionamentos amorosos na contemporaneidade: quais as expectativas das mulheres?” (Millan et al., 2019), que visou à compreensão das relações afetivo-sexuais na contemporaneidade a partir da visão das mulheres e o conhecimento da dinâmica das relações com seus pares, com vistas ao manejo de conflitos nos relacionamentos afetivos e familiares, em intervenções clínicas e sociais.

Tem-se como objetivo destacar aspectos relativos às diferenças entre expectativas e experiências vividas nos relacionamentos, no que diz respeito aos papéis de gênero (desempenho das tarefas domésticas e cuidados com filhos), à vida profissional, à independência financeira, aos sonhos e projetos de vida.

Vários autores já se debruçaram sobre esses temas, tal como apresentado a seguir.

Rocha-Coutinho (2004) realizou uma pesquisa com 25 estudantes universitárias, de 18 a 25 anos, e constatou o aspecto mutável, dinâmico e historicamente construído da identidade feminina. A autora afirma que, ao mesmo tempo em que a mulher inclui o trabalho em sua vida, a família parece ainda ocupar um lugar prioritário, o que acaba perpetuando o discurso machista e tradicional. Os resultados dessa pesquisa apontam para a dificuldade de a mulher conciliar dois campos igualmente valorizados por ela, a maternidade e a vida familiar, e o trabalho e o desenvolvimento de uma carreira. A mulher contemporânea vive tal conflito como individual e a solução para o impasse como escolha, ou seja, admite a possibilidade de escolher entre ser mãe ou dedicar-se ao trabalho e à carreira. A pesquisadora concluiu que a mulher contemporânea multiplicou funções e ainda não aprendeu a dividir responsabilidades com seu companheiro.

Na mesma linha, Matias, Fontaine, Simão, Oliveira e Mendonça (2010) enfatizam que, apesar da mudança estrutural das famílias em função do ingresso das mulheres no mercado de trabalho, elas ainda assumem muito mais os afazeres domésticos do que os seus companheiros e são consideradas as principais responsáveis pelo cuidado com os filhos.

Borges (2013) realizou uma pesquisa com duas gerações de mulheres e chegou a resultados um pouco distintos. Concluiu que as jovens ampliaram as possibilidades de vida, não se atendo mais aos papéis de mãe, esposa e dona de casa de suas mães e avós. O trabalho, a independência financeira e a liberdade de escolha passaram a ter grande importância para essas mulheres, que já não colocam o casamento como central em suas vidas.

Almeida e Soares (2012) realizaram pesquisa de natureza qualitativa com docentes do ensino superior em educação, com idades entre 55 e 68 anos, com o objetivo de conhecer como as transformações derivadas do movimento feminista, do período da ditadura, dos anos setenta influenciaram suas vidas pessoal e profissional. Concluíram que certamente houve mudanças nas próprias mulheres e na vida social, mas não na abrangência esperada em termos da equidade entre os gêneros e na abertura das mentalidades. Mantém-se a assimetria entre os salários de homens e mulheres; a

emancipação feminina convive com a violência e o preconceito; as tarefas domésticas e a criação dos filhos ainda dependem de negociações conflituosas no âmbito familiar, permeadas por estereótipos e relações de poder.

Berlato e Corrêa (2017) buscaram construir um modelo teórico dos casais *dual career*, cuja principal característica é o interesse simultâneo no desenvolvimento contínuo de suas vidas pessoais e profissionais. Destacam a importância do “tempo” e do “trabalho em equipe” para a gestão da vida familiar, profissional e pessoal desses casais, além da dimensão sociocultural no estudo do tema, pelos aspectos históricos e simbólicos das relações de poder entre os gêneros, legitimados pela sociedade.

Zordan, Falcke e Wagner (2009) realizaram um estudo, cujo objetivo foi o de identificar os motivos e expectativas sobre o casamento entre jovens adultos. Foram 197 participantes solteiros, entre 20 e 31 anos, sendo 120 mulheres e 77 homens, 57,9% com ensino médio completo e 42,1% com ensino superior completo, todos residentes no Rio Grande do Sul. Os resultados mostraram que 60,8% dos participantes apontaram a realização profissional como projeto principal de vida, seguido da realização pessoal com 44,3%. O casamento ficou em décimo nono lugar, com 9,3%. Concluíram que as cinco primeiras posições estão relacionadas aos aspectos profissionais e materiais, valores tidos como contemporâneos, os quais enfatizam a individualidade, a realização e o sucesso profissional.

Quando indagados se desejavam se casar algum dia, 92,9% responderam afirmativamente. As autoras concluíram que o casamento não é mais tão valorizado socialmente como projeto de vida, mas é almejado, ou seja, não é mais uma obrigação, mas uma condição pretendida. Aspectos como amor, companheirismo, afinidade e fuga da solidão foram elencados como motivação para o casamento. No que se refere aos motivos socioeconômicos para o casamento, as mulheres apresentaram maior concordância que os homens, no item “Casar é assumir um compromisso perante a sociedade”. Deduziram que elas se sentem mais cobradas socialmente pelo seu comportamento, estado civil e relacionamentos.

Quanto à maternidade, várias pesquisas (Fidelis & Mosmann, 2013; Maluf & Kahhale, 2012; Patias & Buaes, 2012) identificaram que um número crescente de mulheres têm adiado ou têm optado pela não maternidade,

elegendo outras prioridades no projeto de vida, tais como as profissionais. No entanto, tais estudos também referem que a despeito desses novos comportamentos, ainda persiste uma pressão social para a naturalização da maternidade e, por outro lado, o entendimento da não maternidade como um desvio que, por sua vez, frequentemente desperta nessas mulheres ambivalência de sentimentos. As pesquisas concluem que as mulheres lançam um novo olhar sobre si e sobre o mundo, buscando relações mais igualitárias para as instâncias profissionais e pessoais.

Dos Santos (2015), em pesquisa realizada sobre a solteirice feminina, com 210 mulheres casadas ou em relacionamento estável, com filhos, com ensino médio concluído e profissionalmente ativas, concluiu que ainda há predominância dos valores tradicionais e ideais românticos nas expectativas das participantes. Consideram a mulher solteira como alguém que ainda não encontrou um parceiro, ou seja, menos que uma escolha, é uma situação transitória em busca da verdadeira realização pessoal.

De acordo com Norgren, Souza, Kaslow, Hammerschmidt e Sharlin (2004), há casamentos estáveis, mas não satisfatórios, assim como relacionamentos de longo prazo, cuja satisfação varia ao longo do tempo. Destacam que os casais (satisfeitos e insatisfeitos) alegaram ser o amor o principal motivo da permanência na relação. No entanto, as autoras questionam se o amor, apesar de ser um aspecto importante nos relacionamentos, não é apenas um ideal arraigado, atuando mais como crença do que como sentimento. Os casais satisfeitos identificaram ainda, como motivo para continuar juntos, a convicção de que o casamento é uma parceria para a vida toda, a ideia de que um complementa o outro e ambos são sinceros, pacientes e compreensivos. Já os casais insatisfeitos apontam em ordem de preferência o amor, o sentimento de responsabilidade pelos filhos e pelo cônjuge, a convicção de que crises são inevitáveis e que promovem o crescimento pessoal. Afirmam que tais convicções são coerentes com as religiões que professam. Concluem que casais satisfeitos são funcionais, mantêm fortes laços emocionais, são capazes de mudar a estrutura de poder, papéis e regras de seu relacionamento ao longo do tempo e estabelecem padrões de comunicação adequados. Aparece o desejo de serem amados, respeitados, sentirem-se seguros, compartilhar desejos e

sonhos, satisfazerem necessidades físicas, emocionais e espirituais, bem como terem a possibilidade de dividir tudo isso com alguém especial ao longo da vida. O estudo demonstrou que o casamento satisfatório é menos uma questão de escolha certa e mais de trabalho em equipe. Enquanto o trabalho pode ser aprimorado, a escolha só pode dar origem a outras, talvez tão pouco satisfatórias quanto a anterior. Variáveis interpessoais podem ser aperfeiçoadas ou adquiridas, melhorando a qualidade de vida individual e conjugal; consenso, resolução de conflitos, comunicação, flexibilidade. Nos casamentos satisfatórios, os cônjuges investem na relação, continuam se desenvolvendo, buscam o equilíbrio entre a conjugalidade e as individualidades, compartilham interesses e buscam evitar a rotina no relacionamento afetivo-sexual.

Buscando compreender a origem e a dinâmica do processo de escolha amorosa, Anton (2012) aponta as motivações inconscientes, as quais limitam a liberdade de escolha imaginada e desejada. Freud (1973) já havia desenvolvido essa ideia em “Introdução ao Narcisismo” (publicado em 1916), quando afirma serem as escolhas amorosas fundamentalmente determinadas pelas experiências vividas com as figuras parentais em fases precoces do desenvolvimento. Anton (2012) retoma essa ideia e agrega que a escolha do cônjuge também é determinada pela necessidade básica do ser humano de formar vínculos, ser amparado e obter proteção. Provavelmente, as expectativas das mulheres estão imbricadas em uma ampla gama de aspectos inconscientes e conscientes, determinadas pela história de suas relações pregressas, pelas circunstâncias sociais e por características de personalidade.

MÉTODO

Foi realizada pesquisa de campo, após aprovação do Comitê de Ética da UNIP, CAAE 68059717.8.0000.5512. Aplicou-se questionário *on-line* e impresso, de característica quantitativa, abrangendo informações gerais e questões associadas à expectativa das mulheres em relação a seus parceiros afetivo-sexuais.

Foram entrevistadas 2778 mulheres, residentes no Brasil, com idade a partir de 18 anos, sem restrição ao estado civil, ao nível socioeconômico e ao nível educacional. Destas, 1639 responderam ao questionário até o final. A base de dados considerada foi a de 2778 participantes, foram invalidadas respostas não compatíveis com a escala Likert. Os dados a seguir referem-se à totalidade de participantes em cada uma das questões apresentadas, considerando que, no tocante à participação, houve variação entre elas.

As participantes estão na faixa etária entre 18 e 35 anos (60,36%); são predominantemente solteiras (51,22%); possuem ensino médio completo (31,21%) ou superior completo (46,18%); não são as principais provedoras do lar (62,24%).

A amostragem foi por conveniência e o procedimento adotado foi o denominado “bola de neve”, em que amigos, colegas ou os próprios participantes foram solicitados a indicar outras pessoas.

Do questionário, composto por 77 questões, foram selecionadas para este artigo 6 questões sobre papéis de gênero no âmbito doméstico, considerando as expectativas e a experiência vivida. As questões foram baseadas no modelo Likert, tipo de escala de resposta psicométrica (escala bidimensional e com um ponto neutro no meio da escala), na qual os participantes especificam seu nível de concordância com uma afirmação: concordo, discordo, não concordo nem discordo (Dalmoro & Vieira, 2013).

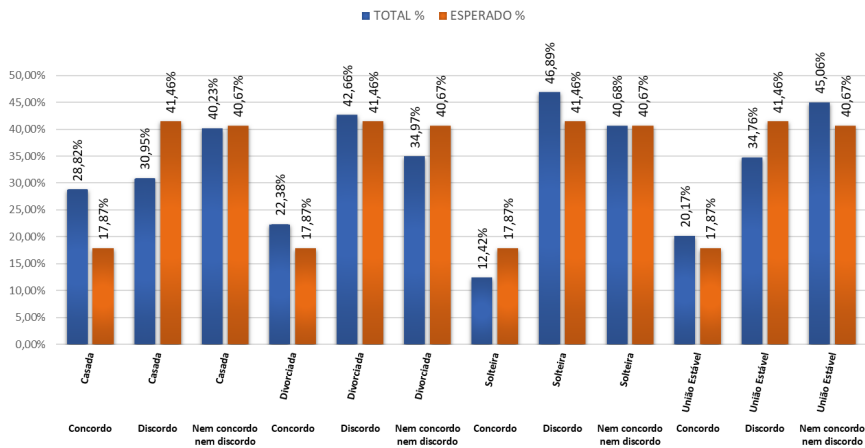
As respostas ao questionário foram tratadas como variáveis qualitativas ordinais e analisadas pelos testes estatísticos não paramétricos de Kruskal-Wallis ou de Mann-Whitney (1952), de acordo com o agrupamento dos participantes (faixa etária, escolaridade e estado civil). As variáveis categóricas foram analisadas pelo Teste de Qui-quadrado ou pelo Teste Exato de Fisher, conforme a indicação. O nível de significância adotado foi de 5% ($\alpha = 0,05$). Foram utilizados os *softwares* estatísticos Minitab, versão 16.0, e SPSS, versão 20.0, sendo que todas as questões selecionadas para este artigo apresentaram valor de p significativo. Os dados obtidos também foram analisados qualitativamente, de acordo com os referenciais psicanalítico e sistêmico, dos quais alguns serão mencionados para ressaltar os dados quantitativos.

RESULTADOS

Do ponto de vista estatístico, os instrumentos utilizados, tal como citado no item método, estabelecem um parâmetro esperado de respostas para cada questão em relação a cada variável independente (faixa etária, escolaridade e estado civil). Os dados obtidos na pesquisa foram analisados a partir da comparação com os parâmetros estatísticos. Dessa comparação, obteve-se o valor de p que, quando menor do que 0,05 aponta para uma diferença significativa entre o parâmetro esperado e o dado obtido na pesquisa.

Considerando as variáveis que se sobressaíram em cada questão, apresentam-se os resultados a seguir, ilustrando-os parcialmente com gráficos de uma das variáveis independentes com p significativo. As demais serão comentadas no corpo do texto.

Gráfico 1 – Quando eu tiver filhos, espero que meu companheiro cuide do sustento da família



Conforme o gráfico referente ao estado civil, na assertiva “Quando tiver filhos, espero que meu companheiro cuide do sustento da família”, observa-se a seguinte configuração de respostas conforme a amostra ($N=2149$) ($p<0,001$):

- Mulheres casadas ($N=24,06\%$), em união estável ($N=10,84\%$) e divorciadas ($N=6,65\%$) tendem a esperar mais apoio de seus parceiros no

sustento da casa do que a média esperada de respostas. Das mulheres casadas foram 149 (28,82%) concordâncias para 92,38 (17,87%) esperadas; as em união estável 47 (20,17%) concordâncias para 41,63 (17,86%) esperadas e as divorciadas 32 (22,38%) para 25,55 (17,87%) esperadas.

Nas discordâncias, as mulheres casadas discordam menos que a tendência, assim como as de união estável, sendo 160 (30,95%) para 214,35 (41,46%), e 81 (34,76%) para 96,60 (41,46%), respectivamente.

As mulheres solteiras esperam menos apoio de seus parceiros, por concordarem menos que a tendência e discordarem acima do esperado. Foram 156 (12,42%) concordâncias para 224,43 (17,87%) e 589 (46,89%) discordâncias para 520,75 (41,46%) esperadas.

No que tange à faixa etária ($p < 0,001$), a concordância ficou abaixo do esperado para as mulheres de 18 a 25 anos ($N=832 / 38,71\%$), 86 (10,34%) respostas para expectativa de 148,7 (17,87%) e a discordância foi acima do esperado, 402 (48,32%) para expectativa de 345 (41,47%). O mesmo ocorre com as mulheres da faixa dos 26 aos 35 anos ($N=672 / 31,27\%$). Foram 108 (16,07%) concordâncias para uma expectativa de 120,1 (17,87%), e 287 (42,71%) discordam diante de uma expectativa de 278,62 (41,46%).

Já nas demais faixas etárias, quanto maior a idade, mais se mostrou uma expectativa de apoio em relação ao parceiro. Mulheres de 36 anos a 46 anos ($N=369/17,70\%$) concordaram acima do esperado 103 (27,91%) para uma expectativa de 65,94 (17,87%) e discordaram abaixo do esperado 123 (33,33%) para expectativa de 152,99 (34,14%).

Mulheres de 47 a 57 anos ($N=180 / 8,37\%$) concordaram acima da expectativa 62 (34,44%) para expectativa de 32,16 (17,87%) e discordaram abaixo da expectativa 49 (27,22%) para 74,63 (41,46%). E por fim, as mulheres acima dos 58 anos ($N=96/4,47\%$) concordaram acima da tendência e discordaram abaixo do esperado. Foram 25 (26,04%) concordâncias para 17,2 (17,92%) esperadas e 30 (31,25%) discordâncias para 39,8 (41,46%).

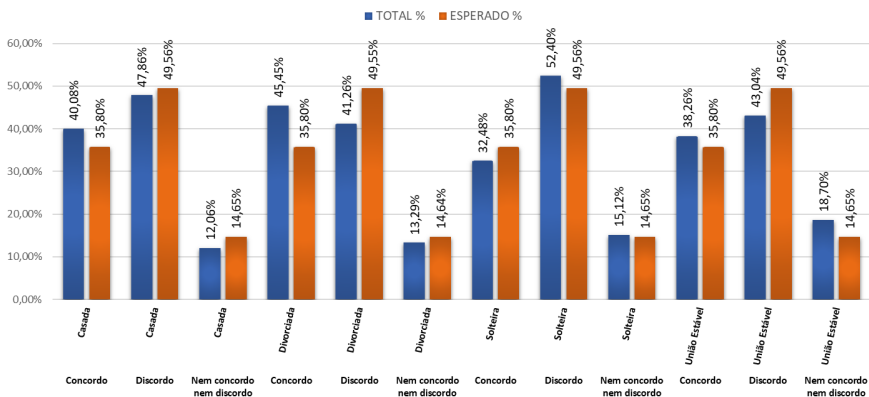
Referente à escolaridade ($p < 0,001$), mulheres com até Fundamental II incompleto ($N=29 / 1,35\%$) concordaram acima do esperado e

discordaram abaixo do esperado, foram 16 (55,17%) respostas para 5,18 (17,86%) esperadas, e 9 (31,03%) respostas para 12,02 (41,45%) esperadas, respectivamente.

Nas mulheres com Fundamental Completo/Médio incompleto (n=116 / 5,40%) foram 25 (21,55%) concordâncias para 20,73 (17,87%) esperadas. Quanto à discordância obteve-se 43 (37,07%) respostas para 48,09 (41,45%) esperadas.

Em relação às mulheres com mais escolaridade a tendência se modifica. Mulheres com Médio completo/Superior incompleto e Superior completo concordam abaixo do esperado e discordam acima do esperado. Os dados foram os seguintes: para as mulheres com Médio completo/Superior incompleto, 130 (16,54%) concordaram para 140,45 (17,87%) da contagem esperada. Discordaram 368 (46,82%) mulheres para 325,88 (41,46%) esperadas. Por fim, 213 (17,49%) das mulheres com ensino Superior completo concordaram com a afirmação diante de uma expectativa de resposta de 217,64 (17,87%). E a discordância foi de 471 (38,67%) para 505 (41,46%) esperadas.

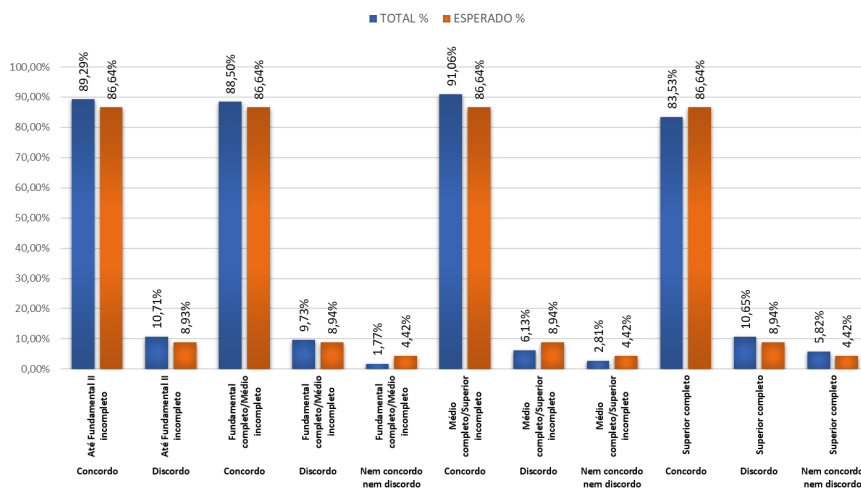
Gráfico 2 – Penso que os homens não cumprem bem as tarefas domésticas. Sempre precisamos refazer ou orientar



Conforme o gráfico referente ao estado civil, na questão “Penso que os homens não cumprem bem as tarefas domésticas. Sempre precisamos refazer ou orientar”, observa-se a seguinte configuração de respostas conforme a amostra (N=2137) ($p < 0,001$):

Houve uma tendência das mulheres casadas ($N=514 / 24,05\%$), divorciadas ($N=143 / 6,69\%$) e as em união estável ($N=230 / 10,76\%$) concordarem acima da contagem esperada e discordarem abaixo do esperado. Por exemplo, foram 206 (40,08%) concordâncias das mulheres casadas para uma contagem esperada de 184 (35,80%), e 246 (47,86%) para uma contagem esperada de 254,72 (49,57%) discordâncias. Já as mulheres solteiras apresentaram 406 (32,48%) concordâncias para 447,47 (35,80%) esperadas. Foram 655 (52,40%) discordâncias para uma contagem esperada de 619,44 (49,55%) respostas.

Gráfico 3 – *Em minha opinião, tanto o homem quanto a mulher possuem habilidades iguais para cuidar da casa e dos filhos*

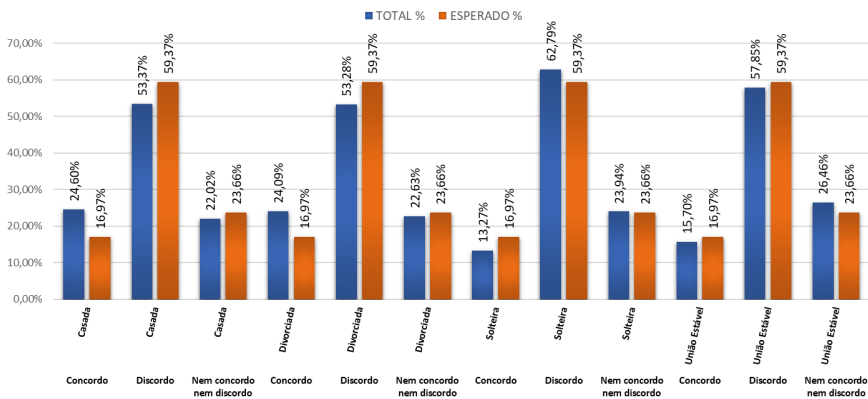


Referente à escolaridade ($p < 0,001$) ($N=2126$), na questão “Em minha opinião, tanto o homem quanto a mulher possuem habilidades iguais para cuidar da casa e dos filhos”, obteve-se a seguinte configuração: as mulheres com até Fundamental II incompleto ($N=28 / 1,32\%$) apresentaram concordância e discordância próximas da contagem esperada. Foram 25 (89,28%) concordâncias para 24,26 (86,64%) esperadas, e 3 (10,71%) discordâncias para 2,50 (8,93%) esperadas. As mulheres com Fundamental completo/

Médio incompleto também apresentaram respostas próximas da contagem esperada, sendo 100 (88,49%) concordâncias para 97,90 (86,63%) esperadas. E 11 (9,73%) discordâncias para 10,10 (8,93%) de contagem esperada.

Houve variação nas mulheres com Médio completo/superior incompleto e Superior completo. Em relação às concordâncias foram 713 (91,06%) para uma contagem esperada de 678,40 (86,64%), e 48 (6,13%) discordâncias para 69,98 (8,94%) esperadas. Por fim, as mulheres com ensino Superior completo apresentaram 1004 (83,53%) respostas concordando com a assertiva para 1041,43 (86,64%) respostas esperadas. E discordaram 128 (10,64%) para 107,42 (8,94%) de contagem esperada.

Gráfico 4 – Quando o filho está com febre, acho melhor a mãe faltar ao trabalho para cuidar dele

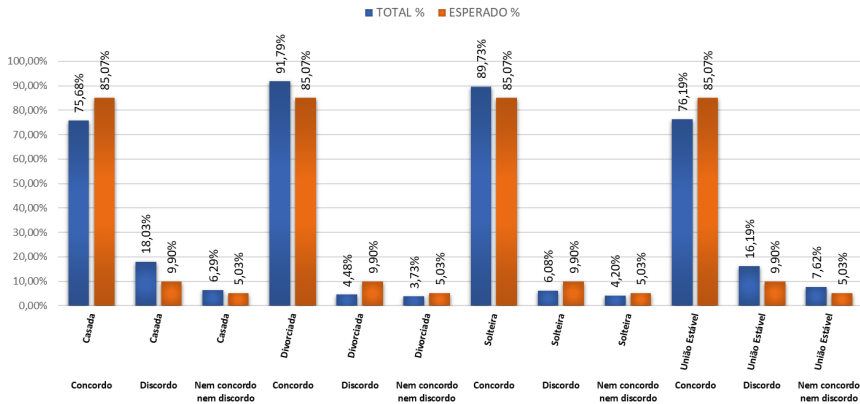


Na assertiva “Quando o filho está com febre, acho melhor a mãe faltar ao trabalho para cuidar dele” ($<0,001$) ($N=2092$), as mulheres casadas ($N=504 / 24,09\%$) concordaram acima da contagem esperada e discordaram menos do que o esperado. Foram 124 (24,60%) concordâncias para 85,53 (16,97%), e 269 (53,37%) discordâncias para uma contagem esperada de 299,22 (59,37%). As mulheres divorciadas ($N=137 / 6,55\%$) apresentam a mesma tendência das mulheres casadas, com 33 (24,09%) concordâncias para 23,25 (16,97%) esperadas, e 73 (53,28%) discordâncias para 81,34 (59,37%). As mulheres em união estável ($N=223 / 10,66\%$) apresentaram respostas perto da contagem esperada, sendo 35 (15,69%) concordâncias

para 37,84 (16,97%), e 129 (57,85%) respostas discordando da assertiva para 132,39 (59,37%). As mulheres solteiras (N=1228 / 58,70%) apresentaram concordância abaixo da contagem esperada e discordância acima. Foram 163 (13,27%) de respostas concordando para 208,38 (16,97%) esperadas. E 771 (62,78%) discordando para 729,05 (59,27%) de contagem esperada.

Outros exemplos foram as mulheres na faixa etária dos 18 aos 35 anos (N=1465 / 70,03%) concordaram menos que o esperado e discordaram mais que o esperado. As mulheres acima dos 36 anos (N=627 / 29,97%) acabaram concordando acima da tendência estatística e discordando abaixo da mesma. As mulheres com menos escolaridade (N=139 / 6,64%) tendem a concordar mais do que o esperado, diferente das mulheres com mais escolaridade (N=1953 / 93,36), principalmente com ensino superior completo (N=1183 / 56,55%), que tendem a concordar menos do que o esperado e a discordar acima do esperado.

Gráfico 5 – *Trabalhar fora é fundamental para mim*



Considerando a afirmativa “Trabalhar fora é fundamental para mim” (N=1989) ($p < 0,001$), analisando o estado civil, obteve-se 477 (23,98) respostas das mulheres casadas. Foram 361 (75,68%) respostas concordando com a assertiva diante de 405,77 (85,07%) esperadas. Discordam 86 (19,03%) diante uma expectativa de 47,24 (9,90%). As mulheres em união estável seguem na mesma direção das mulheres casadas. Foram 210

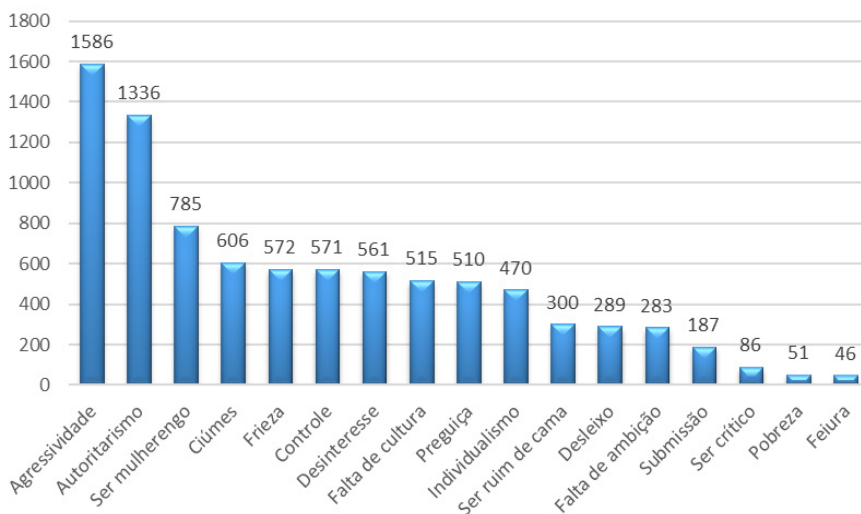
(10,56%) respostas das mulheres em união estável, sendo que 160 (76,19%) concordam com a assertiva diante de uma expectativa de 178,64 (85,07%), discordam 34 (16,19%) para 20,80 (9,90%) esperadas.

Já as mulheres solteiras e divorciadas apresentam dados numa direção oposta. Foram 134 (6,74%) respostas das mulheres divorciadas, sendo que 123 (91,79%) concordam com a assertiva para uma expectativa de 113,99 (85,07%). As discordâncias foram 6 (4,48%) para 13,27 (9,90%) esperadas.

Obteve-se 1168 (58,72%) respostas das mulheres solteiras, das quais 1048 (89,73%) concordam com a assertiva diante de uma expectativa de 993,59 (85,07%). Foram 71 (6,08%) discordâncias para 115,68 (9,90%) esperadas.

O gráfico abaixo, apesar de não ter sido tratado estatisticamente, será utilizado como destaque adicional aos resultados quantitativos, na medida em que vem corroborar os dados obtidos. A maioria das participantes aponta a agressividade e o autoritarismo como características inadmissíveis em um homem. A interpretação dos dados qualitativos feita a partir dos comentários deixados por escrito no corpo da pesquisa pelas participantes confirma tal tendência.

Gráfico 6 – O que você não suporta em um homem?
Selecione as 5 principais alternativas



DISCUSSÃO

Em relação à expectativa de que o parceiro assumira a provisão financeira da família, após o nascimento dos filhos, constatou-se que mulheres casadas, divorciadas e em união estável, mais velhas (acima de 47 anos, principalmente) e com escolaridade até o fundamental II têm a tendência a esperar mais apoio dos parceiros. Por outro lado, as mulheres jovens, principalmente até os 35 anos e solteiras, esperam menos apoio financeiro do companheiro após a chegada dos filhos.

Nas questões que investigaram a habilidade de homens e mulheres no cuidado dos filhos e da casa, as mulheres casadas, em união estável e divorciadas concordam abaixo do esperado que homens e mulheres têm as mesmas habilidades para realizar os cuidados domésticos e concordam que elas têm de refazer ou orientar os parceiros neste aspecto, enquanto as mulheres solteiras concordam abaixo do esperado. As mulheres com a escolaridade de médio completo a superior completo concordaram acima do esperado.

Em relação à questão que averiguou se é a mulher quem deve faltar ao trabalho se o filho estiver com febre, mulheres casadas, divorciadas, com mais de 36 anos e com menos escolaridade concordam acima do esperado. As mulheres com escolaridade acima de superior completo concordam menos do que o esperado.

Os dados da pesquisa mostraram, portanto, que as mulheres casadas, divorciadas e em união estável e com mais de 36 anos tendem a manter uma visão tradicional dos papéis de gênero e esperam que os companheiros sejam os provedores financeiros, enquanto atribuem a si a responsabilidade do cuidado com a casa e os filhos. Movimento semelhante foi constatado entre as mulheres com escolaridade até Fundamental II. Por outro lado, as mulheres solteiras e mais jovens, até 35 anos, mostraram ter expectativas mais alinhadas com uma visão contemporânea, na qual homens e mulheres compartilham os mesmos papéis e tarefas no cuidado da casa e dos filhos e na vida profissional.

Se uma das bandeiras feministas foi a equiparação dos papéis de gênero, a convivência cotidiana entre homens e mulheres nos cuidados com

a casa e com os filhos parece, em parte, ratificar as diferenças estabelecidas histórica e socialmente (Badinter, 2005). Os resultados da pesquisa parecem comprovar o que foi constatado por Matias, Simão, Oliveira e Mendonça (2010) e Almeida e Soares (2012) na revisão bibliográfica, de que apesar da influência do movimento feminista e da entrada da mulher no mercado de trabalho ter trazido mudanças nos papéis de gênero, estes ainda não acontecem na abrangência esperada.

A tão almejada equidade de gênero merece ser revista em seu significado intrínseco, isto é, mais do que iguais, homens e mulheres podem ser diferentes na cooperação flexível das tarefas cotidianas. Como citado na revisão da literatura, Norgren, Souza, Kaslow, Hammerschmidt e Sharlin (2004) colocam que os casamentos satisfatórios são mais o resultado de um trabalho de equipe, no qual as variáveis interpessoais como o consenso, a redução dos conflitos, a comunicação e a flexibilidade podem ser aperfeiçoadas ou adquiridas. O acolhimento e a empatia pelas diferenças de gênero podem ser o caminho para criar bases cooperativas entre o casal. Se a preocupação for apenas pela divisão igualitária das atividades domésticas, por exemplo, os conflitos podem se acirrar invariavelmente.

Na análise comparativa entre as questões, cujo tema eram as habilidades e competências do homem na execução de tarefas domésticas e cuidados com os filhos, foi encontrado um dado interessante na amostra de mulheres casadas. Elas reconhecem que não existe diferença entre os gêneros quanto à habilidade para desempenhar tais tarefas, no entanto, quase a metade dessas mulheres (40,08%) acredita que os homens não as desempenham bem. Aqui se percebe um hiato entre um conjunto de crenças e as experiências cotidianas, a partir do qual se pode evidenciar o processo gradual de mudança de subjetividade em que, recorrentemente, forma-se um amálgama entre os conceitos, crenças e valores antigos com os atuais e, conseqüentemente, há um descompasso entre o que se pensa e o que se é.

Cumprе salientar que as mulheres solteiras e mais jovens (18 a 25 anos) concordam que tanto homens quanto mulheres possuem habilidades iguais para cuidar da casa e dos filhos, reforçando, portanto, o ideal de um relacionamento conjugal no qual não haja diferenças de papéis de gênero.

Os resultados da pesquisa mostram a tendência integradora das conquistas femininas ao longo das últimas décadas com práticas tradicionalmente estabelecidas. Assim como desejar o parceiro provedor na época da procriação, tal como afirmaram as mulheres casadas dessa amostra, pode ser encarado como a manutenção de uma postura tradicional, o respeito às diferenças e a cooperação flexível (cada um faz o que lhe cabe no momento, em movimentos complementares), pode ser percebido como o estabelecimento de uma postura contemporânea. Sem dúvida, esse processo é atravessado por conflitos entre os pares, na medida em que há a necessidade de rever expectativas, posturas e atitudes outrora compreendidas como papéis de gênero estanques e definidos com base nos pressupostos do patriarcado (Saffioti, 2004).

Por outro lado, apesar de haver um movimento integrativo e dinâmico dos papéis tradicionais de gênero em novas configurações mais realistas, nas quais cada casal pode encontrar formas alternativas de lidar com os desafios do cotidiano, as mulheres acabam, na prática, assumindo, muitas vezes, o protagonismo, em um movimento de repetição de hábitos e crenças pré-estabelecidos (Matias et al., 2010; Almeida e Soares, 2012).

Outra temática a se destacar foi referente à vida profissional.

Mulheres casadas e em união estável discordam acima do esperado que trabalhar é fundamental para elas. Tendência oposta à das mulheres solteiras e divorciadas, que concordam acima do esperado. É factível pensar que a união, a convivência e a chegada dos filhos podem afastar a mulher de seu interesse pela área profissional em benefício dos cuidados com a família, revelando a manutenção de papéis de gênero tradicionais.

Quando solicitadas a selecionar em ordem de prioridade os objetivos de vida, houve preponderância da estabilidade financeira, da realização e do reconhecimento profissionais, e das viagens. Como já mencionado acima, em Método, a amostra é predominantemente formada por mulheres jovens (18 a 35 anos), solteiras e com nível superior completo. Portanto, esses dados são congruentes com as expectativas das mulheres deste grupo em relação aos seus projetos de vida. Valores contemporâneos como qualidade de vida e hedonismo estão presentes nas expectativas das mulheres mais jovens, revelando a busca pelo bem-estar e pela satisfação, assim como pela

exigência de respeito à dignidade feminina. Diante das reivindicações dos movimentos em defesa da mulher, os homens são convocados a renunciar a condutas machistas e a demonstrar autocontrole nos ambientes de casa e do trabalho (Lipovetsky, 2005).

Considerando as várias questões que abordam o tema trabalho e/ou os respectivos rendimentos e suas implicações sobre os relacionamentos afetivos, constatou-se, tal como indica a revisão da literatura (Berlato & Corrêa, 2017; Borges, 2013; Matias et al., 2010; Rocha-Coutinho, 2004; Zordan, Falcke & Wagner, 2009), que o trabalho aparece para as mulheres como uma atribuição esperada, e para algumas, como fonte de realização pessoal e independência financeira. De acordo com a amostra de mulheres solteiras e com até 35 anos, evidenciou-se menor expectativa pelo homem provedor. O estudo realizado sobre a expectativa dos homens (Millan et al., 2016) apresentou a mesma conclusão, ou seja, neste terreno, homens e mulheres estão de acordo: o trabalho e a independência financeira feminina são vistos como algo posto, esperado nos relacionamentos afetivos. Percebeu-se também que as colaboradoras mais jovens deram respostas em que a importância, priorização e/ou adesão ao trabalho tornaram-se evidentes. Por outro lado, as respostas das mulheres, a partir dos 36 anos, vêm de encontro àquelas das mais jovens, ou seja, quanto mais avançada a idade, mais se evidenciou a expectativa de apoio financeiro do parceiro e menor centralização do trabalho como projeto de vida, o que condiz com a fase de procriação e de criação dos filhos.

Nas questões que abordaram especificamente o trabalho das mulheres e dos homens relacionados ao desempenho da maternidade/paternidade, a amostra de mulheres acima de 36 anos reafirmou o discurso tradicional em que a maternidade é priorizada em relação à profissão e a mãe é vista como a principal responsável pelo cuidado dos filhos. Todavia, entre as mais jovens, observou-se um discurso inverso, rechaçando essa ideia, o que agrega novos dados à pesquisa anteriormente realizada por Rocha-Coutinho (2004), que constatou a dificuldade das mulheres jovens em conciliar a vida familiar e profissional, pelo acúmulo de funções e da dificuldade em dividir tarefas com o companheiro. É perceptível na presente pesquisa uma clara mudança em direção a modelos mais contemporâneos,

nos quais o trabalho profissional e a divisão de tarefas domésticas são priorizados. Os últimos dezessete anos parecem ter promovido uma maior relevância de valores relativos à equidade de gênero, ainda que as bases do patriarcado permaneçam interferindo nos relacionamentos amorosos,. Tal como constatado por Borges (2013), cujos dados de pesquisa apontavam para essa tendência de mudança.

Os movimentos em prol da equidade de gênero vêm ganhando força nos últimos anos, inclusive com o incremento das discussões nas redes sociais, pela participação de homens e mulheres. Ainda há muito a ser conquistado, mas já são perceptíveis avanços importantes.

A escolaridade também interferiu nas respostas, para as mulheres menos escolarizadas, o trabalho talvez não tenha o *status* e o prestígio da profissionalização, sendo menos importante que o exercício da maternidade, ao contrário do que ocorre entre as mulheres do Ensino Médio completo para cima. Esses dados confirmam a literatura (Braga, De Assis Miranda & Veríssimo, 2018; Fidelis & Mosmann, 2013; Maluf & Kahhale, 2012; Patias & Buaes, 2012), ao indicar que as mulheres têm hierarquizado outras prioridades como projeto de vida em detrimento da maternidade.

Em todas as questões selecionadas foram percebidos aspectos interessantes sobre a relação entre expectativa e experiência. Viver a experiência influencia substancialmente as expectativas prévias sobre determinados temas, tal como sinalizaram Norgren *et al.* (2004). Pode-se falar em expectativa baseada em experiência, *versus* expectativa baseada em idealização.

O conceito de experiência abarca significados como tentativa, prova, vivência, e, em última instância, a aproximação com a realidade tangível, ou seja, sair em busca de algo que confira consistência ao que foi pensado *a priori*.

Outrossim, o presente estudo sugere que as expectativas vão sendo moldadas pelas experiências, isto é, são construídas nas relações, passíveis de ajustes e reajustes durante o ciclo vital pessoal e familiar. Tal ideia enseja o conceito de amor puro ou confluyente (Giddens, 1993), o qual prevê a existência do compromisso entre os envolvidos, o investimento de ambos na convivência positiva e significativa, o reconhecimento da alteridade e

a percepção das necessidades e características do outro. Na prática, essa construção é desafiadora diante de tantas atribuições a serem não só aprendidas como constantemente reformuladas.

Na questão sobre o que não suportam em um homem, as participantes foram categóricas ao recusar a agressividade, o autoritarismo e o “ser mulherengo”, características icônicas do patriarcado. Vale agregar aqui dados da análise qualitativa, realizada a partir da escrita das participantes nos espaços em branco oferecidos ao longo da pesquisa, os quais endossam os resultados quantitativos. Percebe-se que a figura do macho alfa, o “ogro” não faz mais parte do imaginário feminino como o homem desejado, pelo contrário, ele é rechaçado. Não valorizam o exibicionismo masculino sobre as próprias conquistas afetivo-sexuais, preferem que admitam sua vulnerabilidade e reneguem atitudes machistas. Foi possível identificar a necessidade das mulheres em desconstruir a identidade colonizada, principalmente pela demanda de novas posturas e ações do “colonizador”, tornando assim, a ação e o discurso mais adequados às narrativas contemporâneas (Rocha-Coutinho, 2004). Para elas, os comportamentos masculinos a serem ensinados desde a infância devem enfatizar a não violência, ou seja, o homem não deve desrespeitar, agredir, controlar, submeter, enganar, oprimir, maltratar, abusar, intimidar, insultar, matar, estuprar, mandar e/ou assediar as mulheres (todos esses termos foram repetidamente citados). Dessa forma, repelem atitudes que expressem superioridade de gênero, ao legitimar a ação do homem sobre a mulher, “*achar que são donos de alguém*”. O controle do homem sobre a mulher manifestado sob a forma de violência, machismo e ciúme apareceu de maneira recorrente no discurso das colaboradoras, como sendo inadmissíveis nos relacionamentos.

Há a reafirmação dos objetivos primordiais da revolução feminista, isto é, a luta contra a violência de gênero, a qual, apesar das conquistas obtidas nas últimas décadas nos âmbitos público e jurídico, ainda faz parte do cotidiano de muitas famílias brasileiras (Pinto, 2010, Sarti, 2001).

Neste estudo, o número de respostas “nem concordo nem discordo” superou as expectativas. É um tipo de resposta neutra, que pode indicar depende, não sei, não quero opinar. O “depende” está atrelado a outras informações, ou seja, pressupõe uma análise contextual, não partindo de

respostas *a priori*, certezas típicas do mundo estável, tradicional. Já as incertezas fazem parte do mundo contemporâneo. O “não sei” provavelmente indica a dúvida diante de um mundo incerto, tal como referendado por Vasconcellos (2005). Convivem inúmeras tendências embasadas na percepção de que os fenômenos são complexos, instáveis, imprevisíveis. Tal cenário pressupõe liberdade, busca pela realização pessoal e, portanto, a responsabilidade de cada indivíduo em decidir como encaminhar sua vida, o que pode dificultar o posicionamento pessoal diante das assertivas propostas.

CONCLUSÃO

Em relação aos temas que este artigo se propôs a analisar o papel do homem como principal provedor financeiro, habilidades nas atividades domésticas, responsabilidade no cuidado com os filhos em casais de dupla carreira, o trabalho feminino e projetos de vida prioritários das mulheres, chegou-se à conclusão de que as expectativas das mulheres em relação aos parceiros estão intrinsecamente relacionadas à experiência vivida.

Mulheres casadas, em união estável e divorciadas, assim como as de mais de 36 anos, esperam a participação dos homens na provisão familiar após a maternidade, consideram que os homens não têm as mesmas habilidades que as mulheres para as tarefas domésticas, assim como avaliam que, em casais de dupla carreira, o cuidado com o filho doente deve ser da mulher. A experiência parece influenciar as mulheres a construir expectativas mais tradicionais.

Por outro lado, as mulheres solteiras, jovens (até 35 anos), apresentaram expectativas mais contemporâneas, de que as relações de par devem ser mais igualitárias, que homens e mulheres têm a mesma habilidade para as tarefas domésticas e para o cuidado com os filhos. Esse grupo de mulheres também valorizou o trabalho e a independência financeira.

Um dado relevante foi o posicionamento das mulheres divorciadas, que ora responderam em concordância com as casadas e em união estável

e mais velhas, ora compartilharam as mesmas expectativas das solteiras e mais jovens, quanto à valorização do trabalho e da independência financeira. Tal dado reafirma a experiência como moduladora das expectativas.

As colaboradoras desta pesquisa expressaram em suas respostas os pressupostos da complexidade, da instabilidade e da intersubjetividade. Tais elementos são próprios da contemporaneidade, na qual convivem tendências variadas de valores, condutas e pontos de vista dissonantes, em constante transformação, permeada pelos avanços tecnológicos e pela aceleração dos processos humanos (Millan, 2010). Portanto, observou-se uma sobreposição de diferentes expectativas em relação às relações afetivo-sexuais das mulheres, em um gradiente, das mais tradicionais às mais contemporâneas, convivendo lado a lado.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Almeida, J. S. D., & Soares, M. (2012). Mudaram os tempos; mudaram as mulheres? Memórias de professoras do Ensino Superior. *Avaliação: Revista da Avaliação da Educação Superior (Campinas)*, 17(2), 557-580.
- Anton, I. L. C. (2012). *A Escolha do Cônjuge--Revista e ampliada: Um Entendimento Sistêmico e Psicodinâmico*. (2a. ed. rev. e ampl.). Porto Alegre, RS: Artmed Editora.
- Badinter, E. (2005). *Rumo equivocado: o feminismo e alguns destinos*. Rio de Janeiro, RJ: Editora Record.
- Berlato, H., & Corrêa, K. F. (2017). Uma reformulação do Modelo Conceitual sobre Dual Career para Análise no Âmbito Organizacional: Revelando Novas Vertentes. *BBR Brazilian Business Review*, 14(2), 225-246. doi: <http://dx.doi.org/10.15728/bbr.2017.14.2.5>
- Bourdieu, P. (2002) *A dominação masculina*. Maria Kiihener (Trad.). Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.
- Borges, C. D. C. (2013). Mudanças nas trajetórias de vida e identidades de mulheres na contemporaneidade. *Psicologia em Estudo*, 18(1), 71-81. doi: <https://doi.org/10.1590/S1413-73722013000100008>.

- Braga, R. C., Assis Miranda, L. H., & Veríssimo, J. D. P. C. (2018). Para além da maternidade: as configurações do desejo na mulher contemporânea. *Pretextos-Revista da Graduação em Psicologia da PUC Minas*, 3(6), 523-540.
- Dalmoro, M., & Vieira, K. M. (2013). Dilemas na construção de escalas Tipo Likert: o número de itens e a disposição influenciam nos resultados? *Revista Gestão Organizacional*, 6(3), 161-174.
- Dos Santos, I. C. L. (2015). “Mulher Solteira Procura”: Um estudo em torno da solteirice na representação social feminina. Universidade do Estado do Rio de Janeiro: *Polêm!Ca*, 14(1). Recuperado de <http://www.epublicacoes.uerj.br/index.php/polemica/article/view/14263>
- Fidelis, D. Q., & Mosmann, C. P. (2013). A não maternidade na contemporaneidade: um estudo com mulheres sem filhos acima dos 45 anos. *Aletheia*, (42), 122- 135. Recuperado de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-03942013000300011&lng=pt&nrm=iso
- Freud, S (1973). Introdução ao Narcisismo, 1914. In *Obras Completas*, Tomo II. Madri: Biblioteca Nueva.
- Giddens, A. A (1993). *A transformação da intimidade: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas*. Magda Lopes (Trad.). São Paulo, SP: Universidade Estadual Paulista.
- Kruskal, W. H., & Wallis, W. A. (1 de dezembro de 1952). Use of Ranks in One-Criterion Variance Analysis. *Journal of the American Statistical Association*, 47 (260) 583-621. doi:10.1080/01621459.1952.10483441
- Lipovetsky, G. (2005) *A sociedade pós-moralista: o crepúsculo do dever e a ética indolor dos novos tempos democráticos*. Armando Braio Ara (Trad.). Barueri, SP: Manole.
- Maluf, V. M. D., & Kahhale, E. M. S. P. (2012). Mulher, trabalho e maternidade: uma visão contemporânea. *Polêm!ca*. Recuperado de <http://www.e-publicacoes.uerj.br/ojs/index.php/polemica/article/view/2803>
- Matias, M., Fontaine, A. M., Simão, C., Oliveira, J., & Mendonça, M. (2010). A conciliação trabalho-família em casais de duplo-emprego. *Actas do VII Simpósio Nacional de Investigação em Psicologia*.

- Millan, M. P. B. (2010). *Tempo e Subjetividade no Mundo Contemporâneo: ressonâncias na clínica psicanalítica*. São Paulo, SP: Casa do Psicólogo.
- Millan, M. P. B., Vicente, R. G., Santos, M. F. S., Saito, J. K., Taborda, F., Queiroz, B., Santos, A. G., de Azevedo Neto, R. S., & Ronque, G. K. (2019). *Relacionamentos amorosos na contemporaneidade: quais as expectativas das mulheres?* (Relatório final de pesquisa, Universidade Paulista, UNIP, São Paulo).
- Millan, M. P. B., Vicente, R. G., Santos, M. F. S., Saito, J. K., Taborda, F., Queiroz, B., dos Santos, A. G., de Azevedo Neto, R. S., & Ronque, G. K. (2016). *Relacionamentos afetivo-sexuais: o que os homens esperam das mulheres no cenário contemporâneo*.
- Norgren, M. D. B. P., Souza, R. M. D., Kaslow, F., Hammerschmidt, H., & Sharlin, S. A. (2004). Satisfação conjugal em casamentos de longa duração: uma construção possível. *Estudos de Psicologia (Natal)*, 9(3), 575-584. Recuperado de http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-294X2004000300020&lng=en&nrm=iso
- Patias, N. D., & Buaes, C. S. (2012). Tem que ser uma escolha da mulher?! Representações de maternidade em mulheres não-mães por opção. *Psicologia & Sociedade*, 24(2), 300-306. doi <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-71822012000200007>.
- Pinto, C. R. J. (2010). Feminismo, História e Poder. *Rev. Sociol. Polít.*, Curitiba, 18, (36) 15-23. Recuperado de <http://www.scielo.br/pdf/rsocp/v18n36/03.pdf>.
- Rocha-Coutinho, M. L. (2004). Novas opções, antigos dilemas: mulher, família, carreira e relacionamento no Brasil. *Temas em Psicologia (online)*, 12(1), 02-17.
- Saffioti, H. I. B. (2004). *Gênero, patriarcado, violência*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo.
- Sarti, C. A. (2001). Feminismo e contexto: lições do caso brasileiro. *Cadernos Pagu* 16, 31-48. Recuperado de <http://www.scielo.br/pdf/cpa/n16/n16a03>.

- Scott, J. (1995). Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação & Realidade*, 20(2), 71-99.
- Vasconcellos, M. J. E. (2005). *Pensamento Sistêmico: o novo paradigma da ciência*. Campinas, SP: Papirus.
- Zordan, E. P., Falcke, D., & Wagner, A. (2009). Casar ou não casar? Motivos e expectativas com relação ao casamento. *Psicologia em Revista*, 15(2), 56-76. Recuperado de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-

Recebido em 05/01/2021

Aceito em 21/05/2022